

DIFERENÇAS CONSTITUTIVAS DAS FRATRIAS NO FUTEBOL E NA ESCOLA: PROEMINÊNCIA DO FILHO ATLETA E O SUPERINVESTIMENTO NO ESPORTE¹

Constitutive Differences in Sibling Structures in Football and Schooling: The Prominence of the Athlete Child and the Overinvestment in Sports

Carlus Augustus Jourand Correia²

Resumo

O estudo analisa as dinâmicas familiares de fratrias e os investimentos materiais e simbólicos sobre os filhos na profissionalização no futebol e na escolarização. Para isso, foi realizado acompanhamento de quatro famílias nos espaços do clube de futebol em que treinavam, nas escolas onde estudavam e no seu dia a dia no período entre 2015 e 2017. O objetivo do estudo é compreender as estratégias de escolarização empreendidas sobre os filhos do mesmo núcleo familiar e como a profissionalização no futebol influencia o acesso aos recursos e investimentos familiares. Os resultados da pesquisa apontam um superinvestimento no esporte dentro das famílias e, conseqüentemente, uma proeminência do filho atleta diante do não atleta. No estudo, as famílias que possuem filhos atletas e não atletas reorganizaram a vida familiar em torno da carreira esportiva do filho em detrimento das rotinas do filho não atleta. Diante disso, ao contrário de outras pesquisas que apontam o posicionamento na fratria como elemento principal do tratamento de um filho pelo outro, no caso dessas famílias, a atividade esportiva assumiu centralidade relevante nos investimentos familiares observados.

Palavras-chave: Fratria; Família; Esporte; Escolarização.

Abstract

The study analyzes the family dynamics of sibships and the material and symbolic investments made in children in relation to both professionalization in football and schooling. To this end, four families were followed in the football club settings where the children trained, in the schools they attended, and in their everyday lives between 2015 and 2017. The objective of the study is to understand the schooling strategies undertaken for children belonging to the same family unit, as well as how professionalization in football influences access to family resources and investments.

The results point to an overinvestment in sport within these families and, consequently, to the prominence of the athlete child over the non-athlete child. Families with both athlete and non-athlete children

¹ Estudo realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio de bolsa de doutorado concedida durante o período da pesquisa entre 2014 e 2018.

² Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6022-0759>. E-mail: carlus.jourand@gmail.com.

reorganized family life around the sporting career of the athlete child, to the detriment of the routines of the non-athlete child. In this regard, contrary to other studies that identify one's position within the sibship as the main factor shaping the treatment of one child in relation to another, in the case of these families, sporting activity becomes the central element guiding family investments.

Keywords: Sibling; Family; Sports; Schooling.

Introdução

As relações sociais no interior das famílias são heterogêneas, permeadas por disputas, relações de poder, representações sociais e sistemas de reciprocidade, em diferentes configurações familiares (nuclear, estendida, recomposta) ou da classe social. Assim, ações, estratégias e objetivos familiares são atravessados por elementos que geram investimentos desiguais – materiais, afetivos e simbólicos – nos filhos ao longo da vida. Balarini e Romanelli (2012) destaca a relevância da fratria,³ pois as relações entre irmãos envolvem diferenças de gênero, idade e escolaridade, além de vivências afetivas. O autor mostra como o arranjo familiar, o número de filhos, a ordem de nascimento e o gênero influenciam trajetórias distintas, inclusive escolares. A fratria funciona como uma rede em que os investimentos feitos em um irmão repercutem nos demais.

O sistema fraterno inicia-se com o nascimento do segundo filho, provocando um rearranjo familiar. Essa mudança afeta a estrutura material (espaço, tempo) e as relações entre membros, já que o aumento de integrantes intensifica interações e subsistemas (Piccinini *et al.*, 2007). As formas de constituição das fratrias impactam não só a escolarização, mas também a ascensão social e a identidade familiar. Pesquisas apontam que o tamanho da família influencia o desempenho escolar e a mobilidade social. No Brasil, Marteleto (2002) propõe a hipótese da rivalidade entre irmãos: estes competem por tempo e recursos parentais, que tendem a privilegiar o(s) filho(s) com maior retorno esperado.

A desvantagem em famílias numerosas é confirmada por Hasenbalg e Silva (1999), ao mostrarem que “o tamanho da família parece desempenhar

³ A Sociologia da Família entende por fratria o “conjunto de irmãos e irmãs nascidos do mesmo pai e da mesma mãe”. No entanto, novas abordagens também já compreendem a fratria como um sistema que agrupa também o relacionamento entre meios-irmãos e enteados, produtos do fenômeno das famílias recompostas. Nesses termos, é atribuída a noção de fratria mista.

um papel bastante significativo” (p. 145) no acesso escolar das crianças brasileiras. A literatura sugere que famílias maiores tendem a enfrentar mais dificuldades para escolarizar seus filhos. Famílias com menos filhos podem reunir melhores condições para concentrar investimentos em projetos coletivos, incluindo a escolarização e o esporte, foco desta análise. Em síntese, a literatura aponta correlação entre número de filhos e possibilidades de realização de objetivos, já que famílias numerosas diluem recursos e esforços, dificultando projetos que exigem altos custos de tempo ou finanças.

No universo do futebol, a literatura aponta que a trajetória dos jovens atletas das categorias de base do futebol brasileiro é atravessada por obstáculos estruturais que ultrapassam a dimensão esportiva e adentram a esfera social e econômica (Pinto *et al.*, 2023). Nesse sentido, a profissionalização exige dos jovens não apenas talento esportivo, mas a capacidade de lidar com as limitações materiais de suas famílias que, muitas vezes, enfrentam precariedade de renda e a necessidade de conciliar o investimento no projeto de profissionalização futebolística com demandas cotidianas de sobrevivência (Rocha *et al.*, 2025).

As barreiras econômicas, como os custos de transporte, alimentação adequada e materiais esportivos, podem se tornar relevantes filtros “invisíveis” que antecedem a avaliação técnica dentro dos clubes. A rotina intensa de treinamentos, viagens e competições se sobrepõe às exigências escolares e familiares, configurando uma sobrecarga que compromete o desenvolvimento integral do atleta. Rocha (2017) aponta que a gestão do tempo entre escola, prática esportiva e responsabilidades familiares revela-se um dilema cotidiano, em que o jovem é frequentemente levado a priorizar o futebol em detrimento da formação educacional. Diante desse cenário esportivo, as famílias precisam criar estratégias privadas para a concretização do projeto de profissionalização de um dos filhos, fato que acaba por influenciar toda a dinâmica da fratria.

O antropólogo Gilberto Velho (2003) conceitua “projeto” como a capacidade dos indivíduos de formular e perseguir metas que orientam suas trajetórias de vida, em diálogo com os contextos sociais, culturais e históricos em que estão inseridos. Esse conceito, ao ser aplicado ao universo esportivo,

permite compreender o “projeto futebolístico” como a construção de um conjunto de expectativas, estratégias e investimentos – materiais e simbólicos – que organizam a vida de jovens atletas e de suas famílias em torno da possibilidade de profissionalização no futebol. O objetivo do estudo foi analisar quais as estratégias utilizadas pelas famílias dos jovens atletas no processo de profissionalização no futebol e como isso impacta na dinâmica familiar, em especial, os investimentos econômicos e afetivos sobre o(s) outro(s) irmão(s).

2. Metodologia

O estudo, desenvolvido entre 2015 e 2017, teve como foco quatro jovens jogadores de futebol e seus respectivos núcleos familiares, abordados nesta pesquisa pela ótica do conceito de famílias futebolísticas.⁴

A família futebolística é um construto mais vasto do que o de família, articulado pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico. Essa abordagem busca compreender a noção de família analisando a construção de redes de relacionamento que conectam pessoas e contextos através de suas experiências cotidianas. Desse modo, a partir de um núcleo mais definido, normalmente situado no interior da família consanguínea (pais, mães e irmãos), alarga-se a noção de pertencimento dentro dessa instituição para indivíduos que possuam algum nível de engajamento na construção dos projetos esportivos desses jovens (Spaggiari, 2015).

A investigação foi conduzida em um clube do Rio de Janeiro que, naquele período, integrava a elite do Campeonato Brasileiro.⁵ Todos os atletas acompanhados faziam parte dessa instituição e suas famílias estavam diretamente atravessadas pela rotina esportiva e pela forma de organização da vida cotidiana imposta pela prática futebolística. O clube em questão foi selecionado por ser, na época, um dos quatro do estado que detinham o certificado oficial de clube formador.⁶

⁴ Os nomes dos indivíduos e das famílias foram ocultados por questões éticas. No seu lugar foram adicionados nomes individuais e familiares fictícios.

⁵ O nome do clube foi ocultado, por questões éticas.

⁶ Para receber o certificado, o clube precisou cumprir uma série de itens e, posteriormente, ser homologado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A decisão de concentrar a análise em jogadores de uma mesma equipe justificou-se pelo fato de que, inseridos no mesmo contexto de treinamentos e exigências esportivas, esses jovens compartilhavam condições semelhantes, o que impactava também na gestão privada das famílias. O grupo observado abrangia atletas das categorias de base infantojuvenil (15–16 anos) e juvenil (17–18 anos), fases cruciais para definir as possibilidades de profissionalização. É nesse intervalo que, em conjunto com seus familiares, os jovens precisam optar entre a continuidade no futebol ou a busca por caminhos profissionais fora do esporte. Além disso, tratava-se de uma faixa etária que correspondia ao ensino médio da educação básica, adicionando outra camada de decisões importantes.

Para compreender como eram construídas as escolhas e quais estratégias orientavam tanto os atletas quanto suas famílias, foram levantadas informações relacionadas a treinos, competições, tempo dedicado à escola e composição do núcleo familiar. Selecionaram-se quatro famílias a partir dos contatos estabelecidos durante a fase exploratória do trabalho de campo. A escolha recaiu sobre aquelas que demonstraram maior receptividade ao diálogo e à participação.

A escolha por meio desse critério traz uma limitação metodológica reconhecida. Contudo, em pesquisas qualitativas dessa natureza, o acesso ao campo muitas vezes é restrito por desconfianças. Por isso, a receptividade ao diálogo não foi interpretada como um critério de representatividade, mas como uma condição concreta de viabilização da análise empírica, e não como sinônimo de neutralidade.

Com o objetivo de reduzir o viés de seleção, o processo de coleta de dados combinou observação participante,⁷ observação não participante e entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram realizadas tanto com os atletas quanto com seus familiares, com o intuito de compreender como se davam as dinâmicas internas da família diante da profissionalização de um dos filhos. Elas serviram ainda para detalhar e ampliar questões previamente percebidas nas observações em campo.

⁷ Com base na observação participante, foi criado um diário de campo com análises cotidianas.

Ao todo foram realizadas 23 entrevistas, utilizando-se a técnica da saturação: o processo foi encerrado quando as respostas passaram a se repetir, sem acrescentar novos elementos. Além de atletas e familiares, também foram entrevistadas profissionais do clube, como psicólogas e assistentes sociais, a fim de enriquecer a compreensão do contexto pesquisado.

2. 1. Resultados e Discussão

a. *O futebol como projeto familiar e a relativização da ordem de nascimento*

Estudos de Damo (2007), Rial (2008), Souza *et al.* (2008), Correia (2014) e Soares *et al.* (2009) indicam que a profissionalização no futebol exige dos jovens atletas e de suas famílias investimentos financeiros e temporais significativos, envolvendo materiais, alimentação adequada e acompanhamento das rotinas esportivas.⁸

Na análise feita sobre as quatro famílias acompanhadas nesta pesquisa, em nenhuma delas os pais possuíam mais de três filhos, mesmo depois de construírem novos arranjos familiares. Em três dessas famílias, o filho atleta só tinha um irmão (famílias Almeida, Torres e Guimarães). Somente na família Moreira havia dois irmãos ligados ao jovem atleta.⁹ Ampliando essa análise para o universo do clube em que essas famílias estavam inseridas, Rocha (2017) evidenciou, por meio de dados coletados entre 2015 e 2016, que as famílias dos atletas do clube possuíam, em média três pessoas por residência. Tal informação permite inferir que os casos analisados não se afastam do perfil observado dentro do nome do clube, ou seja, grande parte das famílias inseridas no futebol possui até dois filhos.

A constatação de que as famílias engajadas no processo de formação futebolística possuem um número reduzido de filhos parece estar ligada ao custo que esse esporte requisita dos indivíduos que decidem assumi-lo como projeto de vida. Das quatro famílias analisadas nesta pesquisa, duas delas

⁸O alto custo para a profissionalização no futebol também pode ser pensado como um dos fatores pelos quais é tão difícil observar dois irmãos inseridos em centros de treinamento de base, bem como vê-los alcançar os profissionais. Parte expressiva desses recursos teria de ser ampliada, o que poderia dificultar o investimento simultâneo em dois filhos atletas.

⁹ Esses irmãos de Joel, da família Moreira, eram meio irmãos de Joel, já que eram filhos de Marcos com a madrasta dele.

(Almeida e Torres) experimentaram uma mobilidade social descendente motivada pelas escolhas relacionadas ao projeto futebolístico, especialmente aquela voltada para a migração dos seus estados de origem rumo ao Rio de Janeiro para que seus filhos treinassem no clube. Na existência de uma configuração familiar composta por vários filhos, a possibilidade de operar as escolhas e estratégias feitas por esses pais, tais como abandonar empregos, viver de doações de parentes e empresários torna-se mais difícil.

A possibilidade de estruturação de um projeto futebolístico familiar parece, então, mais tangível para aquelas famílias situadas a partir das classes médias. Isso relativiza a concepção, de que os jogadores de futebol são comumente egressos das classes populares, em especial aquelas com condições de vida abaixo da linha da pobreza. Os casos analisados sugerem que a formação futebolística pode favorecer famílias com alguma capacidade de investimento, não sendo possível afirmar predominância geral sem dados mais amplos

Além do tamanho da família, o posicionamento ocupado pelo filho na organização das fratrias também deve ser visto como um elemento importante no direcionamento de alguns filhos para determinadas trajetórias de vida, alheias ao destino de outros filhos. Essa concepção pode ser vista em Laurens (1992), quem, por meio de dados quantitativos, evidenciou nos primogênitos uma dotação de vantagens em todas as classes sociais, em relação aos outros filhos da família. Para alguns autores, entre eles Desplanques (1981), haveria uma vantagem e um privilégio de investimento sobre os filhos primogênitos, pois, durante um período determinado, estes experimentam a situação de ser filho único, sendo objeto do investimento de maiores recursos e de maior atenção pelos seus pais. Além disso, em geral, os pais depositariam maiores expectativas de realização escolar e ocupacional em seus primeiros filhos. Nesse caso, devemos perceber que fatores múltiplos podem mudar essa vantagem do primogênito verificada pelos estudos, principalmente a partir das diferentes possibilidades de investimento nos filhos.

No caso do Brasil, Balarini e Romanelli (2012) apontou a possibilidade da vantagem dos caçulas em construir mais facilmente seus projetos individuais e de tê-los compartilhados e mantidos pelos pais. O autor vincula

o alargamento das oportunidades e o aumento da capacidade de investimentos à possível melhora nas condições socioeconômicas que os indivíduos podem obter ao longo da vida. Dessa forma, os filhos caçulas poderiam experimentar pais com uma condição material mais estável e mais favorável à realização de investimentos nos projetos individuais dos filhos. Isso pode ocorrer especialmente nas famílias que vivenciam um processo de ascensão social, sendo que o caçula pode ser privilegiado na medida em que sua família tenha melhorado suas condições financeiras.

O lugar da criança na fratria parece, pois, exercer também uma influência sobre sua trajetória e sobre a construção das configurações familiares, entre elas o projeto coletivo. Ser primogênito, caçula ou mesmo ocupar um lugar intermediário parece implicar processos de socialização diferenciados que se constituem no espaço familiar e que podem ter algum impacto em seu percurso e destino escolares.

No grupo pesquisado, muitos pais e filhos afirmam não haver diferenças de tratamento entre irmãos, mas percebem que primogênitos são frequentemente mais exigidos, especialmente em questões escolares. Essa cobrança não decorre apenas da ordem de nascimento, mas do papel que cada filho ocupa nos projetos familiares: enquanto o caçula pode ser direcionado a um projeto futebolístico, outros filhos recebem investimentos em áreas como a escolarização.

Além da cobrança acadêmica, espera-se do primogênito engajamento no projeto familiar futebolístico, servindo muitas vezes como exemplo para os irmãos mais novos. Contudo, essa dinâmica não é universal; em certas circunstâncias, outros filhos também podem se beneficiar de atenção ou investimentos específicos.

A pesquisa indica que, em famílias de jovens em processo de profissionalização no futebol, a construção e atualização do projeto esportivo dependem do tamanho da família, do intervalo entre os nascimentos, das estratégias educativas adotadas pelos pais e da percepção de “qualidades especiais” em determinados filhos. Estudos prévios apontam a posição na fratria como elemento relevante para investimentos parentais. Entretanto, nos casos analisados, essa questão da posição é secundária: o diferencial de

atenção e recursos se concentra no filho identificado com talento futebolístico e a profissionalização esportiva passa a constituir o principal projeto familiar.

Tomaz: O Murilo, ele começou no futebol bem cedo. Mas também desde pequeno ele já gostava da bola, ao contrário do irmão (mais velho) que nunca se interessou. Chutava a bola e ele tinha um chute forte. O primeiro presente que dei para ele foi uma bola e ele parece ter adorado. De lá para cá ele sempre está jogando bola. [...] Ele entrou no futebol com seis anos de idade, indo para uma escolinha de futebol pequena, perto da casa em que morávamos no subúrbio de Salvador. Eu e a mãe dele concordamos que era uma boa ideia colocar o Murilo numa escolinha. Eu via que ele tinha potencial. Era pequeno, mas sabia jogar bola. Com seis anos ele jogava com os meninos maiores.¹⁰

O relato evidencia que as trajetórias e projetos das famílias analisadas não seguiram a ordem de nascimento dos filhos; os tratamentos diferenciados decorreram da identificação precoce do talento e da disposição do jovem em seguir no futebol. Elementos como idade e posição na família tiveram apenas papel secundário, conforme relatado pelos entrevistados, especialmente na família Torres.

Os dados mostraram tratamentos diferenciados tanto para primogênitos (famílias Moreira e Almeida) quanto para caçulas (família Torres e Guimarães), sendo o futebol o principal fator desencadeador dessa distinção. Assim, na dinâmica das famílias futebolísticas, a posição na fratria não se mostrou o fator central, relativizando argumentos sobre privilégios vinculados à ordem de nascimento. Além disso, os investimentos diferenciados aumentam à medida que o filho se torna mais comprometido com o projeto futebolístico.

Quando a possibilidade de profissionalização é percebida como real, a família intensifica estratégias e ações para concretizá-la e todos que orbitam em torno do filho atleta acabam sendo envolvidos, ainda que a contragosto, no projeto familiar. A pesquisa indicou que, com o aprofundamento do projeto esportivo, os comportamentos e engajamentos dos pais se tornam progressivamente distintos em relação aos filhos.

Os dados da pesquisa indicam um equilíbrio: das quatro famílias com irmãos, em duas o caçula era atleta. Nesses casos, os caçulas se beneficiavam de maiores investimentos, decorrentes da melhor situação econômica familiar.

¹⁰ Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016.

Além disso, familiares relataram maior experiência no cuidado dos filhos, acumulada pelas vivências com irmãos mais velhos ou pelo auxílio destes no cuidado do caçula, incorporando-se às trajetórias familiares e influenciando positivamente o desenvolvimento do filho mais novo. Um exemplo é a família Torres, em que o pai Tomaz, após a tentativa fracassada de profissionalizar um filho de outro casamento, ajustou suas ações para não repetir os mesmos erros na profissionalização de Murilo.

No caso dos Guimarães, a maior diferença de idade pareceu tornar mais visível a vantagem da experiência familiar. Nesta família, Pedro (não atleta) e Paulo (atleta) têm sete anos de diferença. O pai observa que dificuldades financeiras iniciais impediram o ingresso do primogênito no futebol, que precisou contribuir com a renda familiar. Após o nascimento do segundo filho, com a situação econômica mais estável, foi possível apoiar Paulo no projeto esportivo.

Os dados encontrados na pesquisa dialogam com os achados de Spaggiari (2015) e de Rial (2008) acerca do fenômeno do “caçulismo”. Rial define esse conceito como:

a ideia de que a carreira de jogador de futebol é um projeto familiar (Damo, 2007; Rial, 2003, 2004) no qual é necessário algum excedente econômico para propiciar a liberação de um integrante da família do trabalho remunerado. Assim, o fato de serem os caçulas os que com mais probabilidade conseguem realizar o projeto de serem jogadores profissionais pode ser explicado tanto por terem tido a possibilidade de serem liberados da tarefa de garantir a sobrevivência do grupo familiar com o seu trabalho (função assumida pelos irmãos mais velhos) quanto por poderem contar com a presença de um integrante da família, irmão mais velho, pai e muitas vezes a mãe, para acompanhá-los à escolinha ou campos de prática, o que às vezes implica em longos deslocamentos em transporte público (Rial, 2008, p. 35).

Nos dados auferidos no estudo com as quatro famílias, os motivos mais listados para o investimento no filho caçula foram, respectivamente: a posse do talento, as condições financeiras, a *expertise* adquirida na educação dos filhos anteriores e o suporte dado pelos outros irmãos. Os dados da pesquisa indicam que as diferenciações de tratamento entre irmãos se estendem para além do campo subjetivo, podendo ser observadas em questões práticas do cotidiano e na divisão dos recursos.

b. Escolarização diferenciada: escola como projeto para o não atleta e flexibilização para o atleta

Na pesquisa, os entrevistados afirmam buscar oportunidades para todos os filhos conforme suas condições financeiras. Exceto pela família Guimarães, nas demais famílias os jovens não atletas recebem maior cobrança acadêmica e investimentos diferenciados em relação aos irmãos atletas. Na maioria dos casos (famílias Torres, Almeida e Moreira), os irmãos não estudam na mesma escola, refletindo a preocupação dos pais em buscar melhores oportunidades de escolarização para os não atletas, visando à inserção futura no mercado de trabalho, enquanto os atletas frequentam instituições que permitam a flexibilização das rotinas escolares em razão da profissionalização no futebol.

O acompanhamento da rotina de estudos e da relação da família com a escola também varia. O relato de Marta, mãe de Diego e Maurício da família Almeida sugere algumas questões:

Eu sempre acompanhei as coisas da escola dos dois sabe. Sempre que tem reunião, ou que a escola chama, eu vou. Disso a escola não pode reclamar. Eu sempre quis ver nota, olhar caderno para ver como estava. Mas, assim, com o Maurício (mais velho e não atleta) eu sempre pude acompanhar mais, porque tinha mais tempo livre e ele se dedicava à escola. O Diego (mais novo e atleta), a gente também se dedica muito para acompanhar a rotina de estudos dele, mas, assim, nem todas as reuniões que chamam no colégio dá para ir, porque às vezes também temos (ela e o pai) que acompanhar alguma coisa do futebol dele. Não tem como o pai trocar dia de trabalho o tempo todo e ele sempre pede pra gente ver ele jogando.¹¹

Marta deixa claro que buscou investir na educação dos dois filhos, acompanhando seus estudos e estreitando a relação com a escola. Entretanto, seu discurso revela clivagens: enquanto Maurício contou com maior vigilância e dedicação materna à vida escolar, no caso de Diego, atleta, o acompanhamento foi parcial, já que parte do tempo livre da família era direcionado ao futebol. Na hierarquização das rotinas, a formação esportiva do filho atleta ocupava posição prioritária, ainda que sem abandono da escolarização. Em consonância com Rocha (2017), observa-se que Marta,

¹¹ Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016.

assim como outras famílias, flexibilizou a escolarização do filho atleta em favor do projeto esportivo.

Esse padrão apareceu também em outras famílias, sugerindo uma tendência de secundarização relativa da escola para os atletas nas famílias Moreira, Guimarães e Torres: a estruturação dos projetos designados a cada filho orientou diretamente as estratégias parentais, relegando a escola a papel secundário para os atletas. O custo dessa escolha é uma secundarização progressiva nas atividades escolares. O grau de diferenciação depende da crença familiar na profissionalização: os dados sugerem que, quanto mais sólida parecia ser a expectativa de profissionalização, maior tendia a ser a distância entre as trajetórias escolares de atletas e não atletas. Em alguns casos, como na família Moreira, chegou-se a aceitar reprovações do filho atleta, desde que a perspectiva esportiva permanecesse viável.

Em geral, os filhos não atletas frequentavam escolas particulares (exceto na família Guimarães), vistas como investimento legítimo. Ainda que essa realidade não reflita o conjunto da sociedade brasileira, evidencia-se a seleção de instituições – públicas ou privadas – que privilegiam qualidade e oportunidades entre os não atletas. Para os atletas, entretanto, nos casos observados, a escolha escolar pareceu ser fortemente orientada pela lógica do futebol: mudança de instituições e turnos para conciliar treinos e competições, com a qualidade de ensino em segundo plano.

Apesar do discurso de igualdade no tratamento educacional, observações de campo revelaram dissonâncias: em três famílias (Moreira, Torres e Almeida), exigia-se que os filhos não atletas cumprissem rotinas fixas de estudo em casa, geralmente à noite, sob supervisão de algum familiar, algo que não se repetia com os atletas. As consequências dessa diferenciação podem ser observadas na fala de alguns filhos não atletas como é o caso de Maurício da família Almeida.

Aqui em casa eu sou muito mais cobrado que o meu irmão, porque à noite quase sempre preciso fazer as coisas da escola e ele não precisava fazer nada. Parece que não, mas ler e resolver os exercícios cansa. Parece que não, mas escola também é trabalho...Isso é chato, porque acabo sendo muito cobrado e ele não.¹²

¹² Entrevista com Maurício, irmão de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 18/10/2016.

O descontentamento de Maurício tensiona o discurso vigente de igualdade no tratamento entre irmãos, pois ao afirmar que “escola também é trabalho” ele procura se reposicionar como protagonista no interior do arranjo familiar. Sua percepção revela uma contradição importante: enquanto os pais tendem a enxergar as tarefas escolares domésticas como uma obrigação leve, naturalizada e pouco cansativa, o filho não atleta as percebe como esforço, cobrança e desgaste, que o desgasta mais do que as atividades desempenhadas pelo irmão atleta.

Há, portanto, na visão de Maurício, uma invisibilização do trabalho escolar. Ler, resolver exercícios, estudar à noite e manter rendimento também exigem disciplina, tempo e energia. Ao não reconhecer esse esforço como trabalho, a família produz uma assimetria moral: o cansaço do atleta é legitimado, enquanto o cansaço escolar do irmão não atleta é minimizado.

Quando observada a cobrança sobre os atletas, verificou-se que, muitas vezes, os pais faziam “vista grossa” sobre as obrigações escolares dos filhos atletas. Desses filhos, não era exigido um segundo turno de estudos, a não ser que as tarefas da escola fossem julgadas de extrema importância, a exemplo de avaliações enviadas para casa para compor a nota do bimestre, conforme foi visto algumas vezes nas famílias Torres e Almeida. A parte da noite desses atletas era usada principalmente para o repouso. Os familiares justificavam que a noite era o único momento que este atleta tinha para descansar, depois de um “dia muito desgastante de treinos no clube e estudos na escola” (discurso realizado pelas quatro famílias descritas) e, por isso, era bom preservar os meninos para voltar a fazer tudo novamente no dia seguinte.

c. A casa como extensão do clube: alimentação, controle do tempo e otimização de rotinas familiares

As ações e estratégias desenvolvidas pelas quatro famílias do estudo dialogam com achados de Silva (2016), que também identificou estratégias familiares voltadas à maximização dos resultados esportivos. A análise com as quatro famílias apreende um elemento igualmente encontrado no estudo de Silva (2016), a saber, a disputa interna e velada dos filhos pelos recursos oferecidos dentro da família com a proeminência do filho atleta sobre o não

atleta. Em alguns casos analisados, esse privilégio ao filho futebolista é explícito nas ações cotidianas.

A profissionalização no futebol exige tempo, além da conciliação com a escolarização. Nesse cenário, o atleta e sua família enfrentam longos deslocamentos que dificultam a gestão da rotina. Por isso, muitas famílias envolvidas em projetos futebolísticos elaboram estratégias para otimizar o tempo e conciliar o futebol com trabalho, escola e lazer. Nesse processo, as decisões tendem a se concentrar, em graus variados, nas demandas do filho atleta, em torno do qual os demais membros passam a gravitar. Essa situação interfere na rotina dos irmãos não atletas, que podem perder recursos e oportunidades, não pela falta de dinheiro, mas pela necessidade de adequar-se às exigências do projeto esportivo.

Exemplo disso é a família Almeida, que, para viabilizar a carreira de Diego, optou por transferir o filho mais velho, Maurício, de uma escola tradicional e distante para um cursinho próximo à residência, no qual o pai também trabalhava. A mudança não teve como motivação central razões econômicas, já que ambas eram gratuitas em razão do vínculo funcional do pai, mas sim a necessidade de otimizar o tempo, reduzir deslocamentos e custos indiretos, permitindo ao pai acompanhar melhor os treinos do filho atleta. Dessa forma, parte do esforço antes direcionado a Maurício foi realocado para Diego por meio da reorganização escolar do irmão.

As formas de consumo configuram-se como importantes elementos de diferenciação entre as fratrias, ainda que, muitas vezes, se expressem de modo pouco explícito em práticas cotidianas difíceis de identificar sem acompanhamento minucioso, sobretudo porque não são verbalizadas pelos indivíduos.

Nos hábitos alimentares das famílias, observou-se uma dinâmica centrada no filho atleta. Em todas as famílias, a alimentação foi considerada fundamental para o desenvolvimento esportivo, pois as exigências físicas da modalidade demandam uma dieta regrada e saudável. No clube em que os jovens treinavam no Rio de Janeiro havia acompanhamento de fisiologia e nutrição, com dietas personalizadas em casos específicos, como ganho de massa ou emagrecimento.

Apesar das particularidades socioeconômicas e das estratégias das famílias, verificou-se que o cardápio doméstico tende a se estruturar em torno das restrições do atleta, reduzindo significativamente a presença de alimentos ricos em açúcar e gordura. Na família Moreira, por exemplo, produtos gordurosos só circulavam durante a semana, quando Joel está na concentração do clube. Nos fins de semana, permaneciam disponíveis, mas em quantidade restrita tanto para ele quanto para os demais familiares.

Nas famílias Torres, Almeida e Guimarães, itens como refrigerantes, biscoitos, bolos e salgadinhos eram controlados e distribuídos por meio de negociações – em dias específicos ou cotas diárias. Nos casos em que os irmãos não atletas são mais velhos, como nas famílias Torres e Guimarães, eles costumam comprar e consumir tais alimentos em momentos em que o atleta não esteja presente.

Se alguns alimentos são desencorajados, outros são incentivados e ofertados para todos, como frutas, verduras e legumes. Contudo, a diferenciação se intensifica em relação a insumos como a carne, revelando o investimento prioritário no filho atleta. Em certas situações, quando não há possibilidade de oferecer cortes de qualidade para toda a família, as melhores partes são destinadas ao jogador. Na família Guimarães, por exemplo, enquanto os demais consumiam carne moída de acém, o atleta recebia alcatra, e essa hierarquia alimentar era aceita por todos como necessária ao seu desenvolvimento esportivo.

A carne constitui o exemplo mais evidente da diferenciação alimentar, mas não o único. Nas famílias acompanhadas, suplementos como aminoácidos, proteínas e isotônicos eram sistematicamente adquiridos para os atletas, mesmo que implicasse reduzir outros itens da dieta familiar.

d. Reciprocidade, moral familiar e obrigação de engajamento dos irmãos

Na pesquisa pode-se verificar que a existência bem como os impactos desses tratamentos diferenciados sobre os filhos é maior quando as distâncias etárias na fratria são menores. Esse é o caso verificado nas famílias Torres e Almeida nas quais as diferenças entre os filhos são, respectivamente de quatro anos e dois anos.

Powell e Steelman (1993) revelam que os recursos familiares, em termos econômicos, são mais escassos quando os irmãos têm idades próximas, o que acaba por prejudicar sua distribuição entre os irmãos, bem como a melhor utilização deles. Conforme a distância etária entre os irmãos aumenta essa disputa por recursos não se mostrou tão constante, apesar de também estar presente em determinadas situações (Black *et al.*, 2005).

A família Guimarães exemplifica essa questão, pois nela existem todos os atravessamentos e disputas de recursos mencionados anteriormente. Contudo, ao contrário das famílias Torres e Almeida, a distância de sete anos entre os irmãos traz menos concorrência de recursos entre eles. Na família, à época da estruturação do projeto futebolístico de Paulo, então com 13 anos, o irmão mais velho (Pedro) tinha 20 anos de idade e possuía um emprego fixo no qual seu salário ajudava nas despesas da casa. Nessa situação, a diferença de idades entre os irmãos dentro da evidenciou menores disputas por recursos, uma vez que um desses irmãos (Pedro) encontrava-se numa realidade na qual ele já não dependia tanto dos recursos da família.

Todos esses investimentos diferenciados no interior das fratrias, realizados pelos pais e pelos parentes próximos, caracterizam a proeminência do filho atleta dentro da configuração familiar. Esse fenômeno aumenta à medida que cresce a crença da família sobre a concretização do projeto futebolístico.

Os investimentos feitos na profissionalização do jovem atleta que caracterizam a sua proeminência dentro da família inscrevem-se também em um sistema de reciprocidades (Malinowski, 1976). Nos relatos analisados, a legitimidade do acesso aos benefícios futuros parecia associada ao grau de engajamento no projeto futebolístico. A redistribuição parecia ser reconhecida como mais legítima quando associada ao engajamento familiar no projeto.

A família Torres é um exemplo dessas configurações baseadas em ações desinteressadamente interessadas em torno do projeto futebolístico. O pouco compromisso de Santiago (irmão de Murilo) com o desenvolvimento do projeto futebolístico familiar era muito malvisto dentro da família, suscitando, por diversas vezes, comentários desgostosos dos pais, dos demais parentes e até mesmo do irmão futebolista Murilo. Certa vez, Elisa chegou a dizer que

“depois que o Murilo se tornar jogador, o Santiago que não venha querer se aproximar e aparecer na televisão junto com irmão, porque sempre ligou pouco para o irmão no futebol”.

Na mesma direção, o pai (Tomaz) também se dizia chateado com a postura do filho mais velho:

Eu acho que o Santiago podia participar mais da vida do irmão. A distância dificulta, claro! Mas eu também moro aqui na Bahia, aliás, ele mora comigo, mas ele se importa muito menos com as coisas de futebol do irmão do que eu, por exemplo. Família tem que se ajudar sabe?! Essa postura me parece um pouco egoísta dele, mas é coisa dele mesmo, não podemos fazer muito mais que não seja uma conversa.¹³

Os posicionamentos da mãe e do pai indicam que a adesão ao projeto futebolístico familiar deveria ser uma expectativa de todos os membros da família, especialmente do irmão. Ao não se engajar, Santiago passou a ser percebido pelos pais e demais parentes como alguém “que não está agindo de acordo com aquilo que seria o certo”. Esse padrão, considerado legítimo pela família Torres pode ser entendido como um *ethos* familiar: um conjunto de valores e crenças fundamentais que orienta comportamentos e decisões em relação ao futuro, assumindo, portanto, uma dimensão moral.

No entanto a fala de Santiago traz outra dimensão a esse processo de construção do *ethos* e adesão projeto coletivo familiar.

É complicado ser irmão de quem está tentando ser jogador. Porque tudo é pensado nisso. Nós (eu e meu pai) saímos de Salvador para vir para cá, eu deixei muita coisa que gostava lá. Aqui muito da rotina e das decisões está para meu irmão ser jogador. No fim, acho que não existe o Santiago, é meio que o Murilo 2.0. Mas é melhor nem ficar falando disso.¹⁴

A fala de Santiago desloca a interpretação dos pais. Para ele, a questão não se resume a “ajudar” ou “não ajudar” o irmão, mas ao modo como a vida familiar foi reorganizada em torno do projeto futebolístico de Murilo. Ao afirmar que “tudo é pensado nisso” e que “não existe o Santiago, é meio que o Murilo 2.0”, ele revela um processo de apagamento simbólico, no qual sua

¹³ Conversa informal com Tomaz realizada em setembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 02 de setembro de 2016.

¹⁴ Conversa informal realizada com Santiago durante uma competição do irmão em setembro de 2015. Registro em diário de campo.

identidade passa a ser definida de forma secundária, como irmão daquele que busca se tornar jogador.

Há, assim, uma tensão entre solidariedade familiar e assimetria de reconhecimento. Enquanto os pais entendem o projeto de Murilo como uma causa comum, Santiago parece vivenciá-lo como algo construído sem a devida consideração por suas próprias perdas, desejos e projetos. O silêncio final – “é melhor nem ficar falando disso” – sugere que sua discordância encontra pouco espaço legítimo de expressão, pois questionar o projeto pode ser interpretado como egoísmo, inveja ou falta de apoio familiar.

Independentemente das motivações ou sistemas de crenças que orientam as ações familiares, observou-se, em todas as famílias investigadas, que o filho atleta assume posição de protagonista. Os parentes mais próximos são “convocados” a contribuir para a concretização do projeto, ainda que de forma heterogênea. Em cada caso, um indivíduo tende a se destacar, assumindo o papel de “guardião do projeto”, responsável por centralizar decisões e estratégias de estruturação.

Esse guardião, geralmente pai ou mãe, articula os demais parentes em torno do atleta e se vê obrigado a assumir responsabilidades que exigem maior dedicação do que a dos demais familiares. Em todas as famílias analisadas, esses sujeitos apresentaram engajamento tão intenso que suas ações configuravam verdadeiros superinvestimentos, aproximando-os da figura de um “pai profissional de atleta em formação” ou de uma “mãe profissional de atleta em formação”.

e. Pais e mães profissionais de atletas em formação

O termo “pai e mãe de atleta profissional” foi utilizado como uma adaptação do conceito de “pai e mãe profissional de aluno” cunhado por Establet (1987). Nesse trabalho, o autor caracteriza pais que realizam um superinvestimento escolar dos filhos, mobilizando estratégias e planejamentos específicos com o objetivo de maximizar seus resultados educacionais. Uma das marcas centrais dessa atuação é o chamado “cultivo orquestrado”, isto é, a tomada de decisões meticulosas voltadas à concretização de um projeto definido (Lareau, 2003).

Ao identificar homologias entre esse comportamento e o dos pais de atletas em formação, que também encaram a trajetória esportiva de base como uma carreira, optou-se pelo uso do termo “pai e mãe profissional de atleta em formação”. O conceito evidencia o caráter organizado, orquestrado e quase profissional com que esses responsáveis administram a vida esportiva e privada de seus filhos atletas – e, em consequência, a dinâmica dos não atletas da família.

A principal característica observada nas famílias acompanhadas é a consolidação da proeminência do filho atleta, processo que converte ao menos um dos responsáveis em “pai ou mãe profissional de atleta em formação”. Movidos pelo desejo de assegurar o sucesso esportivo e um futuro promissor aos filhos, esses pais assumem um papel análogo ao descrito por Establet (1987), apropriando-se de orientações e informações de especialistas e definindo, de forma sistemática, repertórios de práticas e atividades que consideram indispensáveis ao desenvolvimento das competências exigidas pelo futebol contemporâneo.

O compromisso com um futuro profissional promissor e rentável para o filho atleta constitui um aspecto central da vida familiar, explicando o forte investimento, as altas expectativas e os tratamentos diferenciados dentro da fratria verificados nessas famílias. Nesse aspecto, muitos pais e mães se transformam em treinadores, preparadores físicos, nutricionistas, *coachs* e psicólogos dos seus filhos.

Nas famílias analisadas, percebeu-se que os responsáveis, fortemente comprometidos com um projeto futebolístico, não poupavam esforços e sacrifícios para assegurar o sucesso esportivo do filho atleta, inclusive canalizando os recursos dos outros irmãos e dos próprios pais. Na estruturação do projeto futebolístico familiar percebe-se que o desempenho esportivo do filho passava a funcionar como balizador de seu próprio êxito ou fracasso, fonte de orgulho ou de culpa frente a um projeto futebolístico meticulosamente estabelecido. Por isso, em conversas cotidianas e nas entrevistas realizadas o “ele” e o “nós” confundiam-se e interconectavam-se como evidenciam algumas falas dos pais.

Quando nós entramos nessa história de virar jogador profissional, nós já sabíamos de todas as dificuldades que poderiam aparecer. [...] Nós já conquistamos muito até agora no futebol, estamos com o primeiro contratinho profissional e tudo vai indo bem. Se der certo vai ter essa subida para o profissional em algum momento.¹⁵

Eu vejo todos os jogos que posso do Paulo. Competição então, aí não perco uma que seja aqui por perto, pelo Rio de Janeiro mesmo. Pego esses ônibus de rodoviária e vou. Já fui em Cardoso Moreira, Região dos Lagos e até Serrana. Teve uma vez num jogo que ganhamos... quer dizer que ele ganhou (risos). Falo até como se tivesse jogado. Mas voltando, nesse jogo passei uma grande dificuldade para chegar em Friburgo porque chovia muito, acho que foi um dos jogos que achei que não conseguiria ver.¹⁶

Quando o Murilo perde todos nós perdemos sabe. As derrotas dele, também me derrubam um pouco, porque eu fico pensando que poderia ter feito alguma coisa melhor. Um planejamento melhor, uma atenção maior. [...] Quando nós chegamos aqui no Rio de Janeiro, o sentimento era de que em certa parte estávamos no caminho certo, que vencemos aquela etapa.¹⁷

Nas falas das famílias, é possível ver como as conquistas e os fracassos pessoais e profissionais dos filhos são vistos também como questões inerentes a todos que se inserem no projeto futebolístico. Tudo se passa como se o êxito do filho constituísse uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, de seus valores e de sua concepção; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima. O projeto dessas famílias enquanto um construto coletivo é, ao mesmo tempo, um projeto individual dos filhos atletas em processo de profissionalização, mas também dos pais e familiares que procuram pavimentar essa construção.

Nos depoimentos, um dos fatores citados pelos pais e que parece impulsioná-los ainda mais para uma conduta de superinvestimento decorre da constatação de que hoje o mercado futebolístico está ainda mais profissionalizado e competitivo, sendo a inserção profissional mais difícil. Para eles, é necessário ir além daquilo que todos os outros atletas fazem, pois consideram que o sucesso na profissão está no terreno daquilo que os outros não fazem.

Aquilo que é feito no clube é considerado somente lugar comum e insuficiente para transformar os filhos em atletas. Por isso, os pais analisados

¹⁵ Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015.

¹⁶ Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017.

¹⁷ Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015.

buscam inserir em suas rotinas diárias ações e investimentos que permitam ao atleta continuar desenvolvendo suas habilidades esportivas enquanto não está no clube ou em momentos destinados à prática esportiva. Diante disso, as estratégias empreendidas no interior da fratria, de superinvestimento no filho atleta são enxergadas como aquele diferencial frente aos demais indivíduos dentro desse contexto futebolístico de formação.

Com exceção da família Torres, nas outras três famílias acompanhadas, o superinvestimento no futebol feito por esses pais profissionais transformava a casa em um anexo do clube. O tempo livre passava a ser destinado ao exercício de atividades esportivamente rentáveis, ou seja, atividades formais capazes de contribuir para o sucesso na profissionalização.

Nessas famílias, o cotidiano doméstico era invadido pelas exigências e expectativas esportivas em um processo de intensa esportivização, que exigia não só a manutenção de um espírito de atleta¹⁸ constante, mas também a presença e a disponibilidade diária de um adulto apto a acompanhar, organizar, disciplinar e orientar a boa execução das rotinas diárias, assegurando o controle sobre todas as atividades esportivas e escolares. Sendo assim, dentro de casa, eram exigidas práticas que não comprometessem a atividade física e que na verdade pudessem potencializá-la. Nesse sentido, o lar passa a ser uma extensão do clube e os pais, sobretudo a mãe, desempenham o papel de “treinador oculto na família”. Prevalecia, ainda, entre pais e os familiares, a percepção de que as atividades esportivas extras se constituem como prática legítima, importante e necessária para assegurar um desempenho esportivo de excelência.¹⁹

Sendo a casa dessas famílias uma extensão do espaço do clube, e o tempo nela uma mimetização das concentrações dos clubes, as rotinas dos filhos não atletas e as permissões dadas a eles sobre atividades triviais dentro de casa estavam balizadas nas regras impostas aos filhos atletas. Por isso,

¹⁸ O termo mencionado significa um conjunto de comportamentos morais considerados pelas famílias e pelos membros do campo futebolístico como imprescindíveis para o desenvolvimento de uma carreira no futebol. Podemos citar o repouso, o ascetismo, a alimentação balanceada, entre outros.

¹⁹ As ações parentais têm ainda um caráter preventivo, com o fim de evitar dificuldades futuras que possam comprometer a conquista dos tão almejados postos de trabalho no futebol.

elementos como cronograma das refeições, horário de dormir e até mesmo recepção de colegas em casa – por parte dos filhos não atletas – eram balizados pelo planejamento da rotina do filho atleta.

Em todas as famílias analisadas havia pelo menos um adulto que não exercia trabalho remunerado e, por isso, era o responsável por essa coordenação da vida pessoal e profissional do jovem atleta, sendo, em alguns casos, requisitado também o auxílio do filho não atleta. Nas famílias Torres e Almeida, a decisão das mães por não trabalharem relacionava-se à intenção de acompanhar melhor a rotina esportiva dos filhos. O conjunto dos depoimentos deixa transparecer que, ao assumirem a responsabilidade de acompanhar a trajetória e a rotina esportiva dos filhos, na maioria dos casos, as mães tiveram que arcar com prejuízos e restrições à vida profissional.

A caracterização desses responsáveis enquanto pais e mães profissionais de atletas em formação não se faz presente apenas pela elevada dedicação dada ao acompanhamento das rotinas esportivas dos filhos – abrindo mão até dos seus empregos – e nem pela transformação do espaço da casa como um anexo do clube. Esses pais, diante do acesso facilitado às redes de informação (livros, internet e conversas com terceiros), buscavam melhorar os resultados esportivos dos seus filhos por meio do oferecimento de suporte para além daquele dado pelo clube.

Os “pais profissionais”, ancorados numa forte adesão ao projeto futebolístico dos filhos, passam a buscar mais informações consideradas importantes para a profissionalização e, conseqüentemente, tentam implementá-las sobre a rotina dos filhos. Com isso, observa-se que algumas famílias buscavam sistematicamente conselhos com a nutricionista do clube, pais levando seus filhos a endocrinologistas, administrando o consumo de suplementos alimentares por conta própria, contratando preparadores físicos para criarem programas de treinamento nas férias, incentivando o filho a fazer consultas sistemáticas ao psicólogo, entre outras ações. Tudo isso, como dito, aliado ao monitoramento do tempo livre.

Na família Almeida, Roberto, que era professor de educação física, relatou que, costumeiramente, nas férias de Diego gostava de elaborar “planos de trabalho” para que o jovem não perdesse completamente o ritmo da

temporada. Segundo o pai do menino, a intenção dos programas feitos por ele era a regeneração física e a preocupação para que o jovem não perdesse o tônus muscular. Como o período de recesso na temporada coincidia com as férias do pai, que era professor, ele acompanhava de perto os programas e atividades físicas daquilo que ele intitulava pré-temporada da pré-temporada.

Além desse caso, ligado diretamente à implementação de ações físicas para o desenvolvimento futebolístico dos atletas, também devemos lembrar que as flexibilizações na rotina escolar realizadas por todas essas famílias bem como as escolhas de estabelecimentos de ensino ancoradas principalmente pelos imperativos das atividades de treinamento também se constituem como ações e estratégias com vistas ao desenvolvimento das atividades esportivas. Esse desenvolvimento não ocorre de forma direta, como se verifica por meio da relação entre investimento na preparação física e *performance* esportiva, mas ao flexibilizar as atividades escolares e secundarizá-las, os pais também estão elaborando estratégias para ampliar o tempo dedicado às atividades físicas e à preparação esportiva.

Nas famílias analisadas, essa mobilização doméstica pressupunha um trabalho contínuo de avaliação, regulação e adequação das estratégias, com o intuito de viabilizar a obtenção constante do capital futebolístico pelo filho atleta. Toda essa mobilização se apoiava no conjunto de informações que os pais detinham sobre o campo futebolístico e sobre o desempenho esportivo dos filhos. O conhecimento das novas formas de preparação física, dos novos produtos alimentícios, dos novos materiais esportivos, dos melhores clubes para profissionalizar-se e das escolas que cobram menos resultados acadêmicos permitiam aos pais realizar com precisão, seu “ofício” cotidiano de “pais de atletas em formação”.

As famílias desse grupo, apoiadas no sonho de ascensão social por meio do futebol, faziam a escolha de realizar superinvestimentos nesse campo, muitas vezes desproporcionais aos seus recursos, o que, como visto anteriormente, exigia a contenção de outros gastos, a redução da prole e a canalização de recursos em prol da estruturação do projeto futebolístico familiar. Apoiados nessa crença, os pais, de forma direta, metódica e

incansável, administravam a profissionalização dos filhos atletas “como se fossem suas próprias carreiras profissionais”.

O superinvestimento dos pais na profissionalização dos filhos, tornando-os praticamente pais profissionais de atleta em formação, aliado ao desenvolvimento da proeminência do filho atleta dentro da família, reforça a existência de um projeto futebolístico que, a partir da sua consolidação, torna esses investimentos mais explícitos dentro das famílias analisadas. Com a construção desse projeto familiar em torno do filho atleta, esse jovem paulatinamente torna-se o centro do núcleo doméstico, com a maioria das ações e estratégias girando em torno do objetivo de profissionalização no futebol. A partir da estruturação desse projeto e do seu fortalecimento, foi possível verificar um aprofundamento nas diferenças de tratamento, recursos e oportunidades ofertados aos filhos dentro da fratria.

Os pais, bem como os familiares, identificam e compreendem que os filhos possuem trajetórias de vida diferentes e, conseqüentemente, campos de possibilidades diferenciados. Por possuírem expectativas diferenciadas, realizam sobre os filhos investimentos diferenciados, por exemplo, na escolarização, na administração do seu tempo livre e na ajuda nos afazeres domésticos. Contudo, como o projeto familiar gira em torno da profissionalização no futebol, percebe-se nessas famílias uma predisposição a maiores investimentos de tempo e recursos sobre a trajetória do filho atleta em detrimento do filho não atleta. Essas diferenciações, muitas vezes, não são verbalizadas, mesmo assim são perceptíveis dentro do convívio familiar e, podem suscitar, em determinados momentos, debates, inconformidades e relutâncias, principalmente por parte do filho não atleta que se sente prejudicado diante dos objetivos coletivos da família.

Conclusão

Este estudo investigou como famílias de jovens jogadores de futebol em formação direcionam investimentos simbólicos e materiais e como essas estratégias afetam as relações entre irmãos em contextos esportivos e educacionais. Nos casos analisados, a ordem de nascimento perdeu parte de sua centralidade diante da condição de atleta: o filho identificado com talento

esportivo, muitas vezes o caçula, tornou-se o principal foco dos superinvestimentos familiares, recebendo recursos financeiros, atenção parental e apoio dos irmãos mais velhos. Essa centralidade reorganizou cuidados cotidianos, rotinas escolares, alimentação e dinâmicas domésticas, confirmando o filho atleta como núcleo do projeto familiar. A pesquisa qualitativa, baseada em observações e entrevistas, permitiu captar essas reconfigurações simbólicas, econômicas e relacionais, embora limitada a quatro famílias de um clube de elite do Rio de Janeiro. Assim, o estudo evidencia que, quando o futebol se torna projeto familiar, ele redefine tempos, recursos, hierarquias e identidades.

Assim, estudos futuros poderão expandir esse panorama ao explorar diferentes modalidades esportivas ou contextos escolares não esportivos, a fim de avaliar se padrões similares de superinvestimento se repetem, bem como adotar perspectivas longitudinais além do período de base (2015–2017).

Referências

BLACK, Sandra E.; DEVEREUX, Paul J.; SALVANES, Kjell G. The more the merrier? The effect of family size and birth order on children's education. *Quarterly Journal of Economics*, Londres, v. 120, n. 2, p. 669-700, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25098749>

CORREIA, Carlus Augustus J. *Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

DESPLANQUES, Guy. La chance d'être aîné. *Économie et Statistique*, Paris, n. 137, p. 53-56, oct. 1981. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1981_num_137_1_4534.

ESTABLET, Roger. *L'école est-elle rentable ?* Paris: PUF, 1987.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson V. *Estrutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

LAREAU, Annette. *Unequal childhoods: class, race, and family life*. Berkeley: University of California Press, 2003.

LAURENS, Jean. P. *1 sur 500: la réussite scolaire en milieu populaire*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTELETO, Letícia. J.. O Papel do Tamanho da Família na Escolaridade dos Jovens. *Revista Brasileira de Estudos de População* (Impresso), Belo Horizonte, v. 19, n.2, p. 159-177, 2002. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/317>

PICCININI, Cesar Augusto; PEREIRA, Caroline R. R.; MARIN, Angela Helena; LOPES, Rita de C. S.; TUDGE, Jonathan. O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 253-261, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300003>

PINTO, Erika A.; ROCHA, Hugo P.; CORREIA, Carlus Augustus J.; LEITÃO, Larissa M.; FERREIRA, Mariana C.; SOARES, Antonio J. G. Estudantes-atletas: questões e implicações acerca do direito à educação e à formação profissional no esporte. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 37, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55407>

POWELL, Brian; STEELMAN, Lala C. The educational benefits of being spaced out: sibship density and educational progress. *American Sociological Review*, v. 58, n. 3, p. 367-381, 1993. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.2307/2095906>

RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. Horizontes Antropológicos, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>

ROCHA, Hugo P. A.; COSTA, Felipe R. da; CASAS, Anna Jordana; TORREGROSSA, Miguel. Siblings in adolescents' sports careers: a systematic mapping review. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 1, n. 32, p. 575-592, 2025. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2025.2461692>

ROCHA, H. P. A. *Futebol como carreira, a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

BALARINI, Fernanda Belinassi; ROMANELLI, Geraldo. O processo de escolarização de irmãos de acordo com a posição na fratria. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 61-79, 2012. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/687>.

SILVA, André L. C. *Esporte e escolarização: projetos, biografias e programa governamental*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <https://educacaofisica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEF/detalhes-da-tese?id=9747>

SOARES, Antonio J. G.; MELO, Leonardo B. S.; COSTA, Felipe R. da; Bartholo, Tiago L.; BENTO, Jorge O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>

SOUZA, Camilo A. M.; VAZ, Alexandre F.; BARTHOLLO, Tiago L.; SOARES, Antonio J. G. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, v. 12, n. 30, p. 85-111, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004>

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.